

ALEXANDER
FREESE

Palácios *de Lisboa*

LISBON
PALACES

BY THE
BOOK



5

Introdução INTRODUCTION

17

Palácio da Independência

21

Palácio Abrantes

29

Casa dos Bicos

33

Palácio de Xabregas

39

Palácio de Belém

47

Palácio da Ega

51

Palácio Alverca

55

Palácio Belmonte

59

Palácio Óbidos

65

Palácio Galveias

69

Palácio Azurara

77

Palácio Tancos

81

Quinta das Milflores

85

Palácio Calheta

89

Palácio Palhavã

95

Palácio Mesquitela

99

Palácio Fronteira

107

Palácio da Mitra

113

Paço da Bemposta

119

Palácio Centeno

123

Palácio Burnay

127

Casa Nobre de Lázaro Leitão

131

Palácio das Necessidades

139

Palácio Pimenta

143

Palácio Barbacena

147

Palácio Lavradio



151

Quinta dos Azulejos

189

Palácio Farrobo

227

*Palácio Eugénio
de Almeida*

155

*Palácio Ludovice e
Quinta da Alfarrobeira*

193

Palácio Pombeiro

231

Palácio Valenças

159

Palácio Seia-Bramão

199

Palácio Praia

235

Palacete Mendonça

163

Palácio Sousa Leal

203

*Palácio do
Manteigueiro*

239

Palácio Sotto Mayor

167

Palácio Porto Covo

207

Palácio Palmela

243

Palácio Valle-Flor

175

Palácio Penafiel

213

Palácio da Ajuda

249

Palácio Monte Real

179

Palácio Foz

219

Palácio Ratton

253

Bibliografia

185

*Palácio Quintela
Farrobo*

223

*Palacete do
Beau-Séjour*





INTRODUCTION

Introdução

Since prehistoric times, Lisbon has been sought as a place to live by peoples from different origins. Its moderate climate and bright light, the hills that give splendid views, and its location on the banks of the River Tagus make the city a very popular place to live or visit. These characteristics, as well as its importance as the capital of a vast colonial empire during several centuries, gave birth to a large quantity of palaces and *quintas* that were built over time.

Many palaces have been destroyed or changed substantially: the 1755 earthquake caused the disappearance of some of the most important palaces, such as Royal Ribeira Palace and Corte-Real Palace, both situated on the river bank, and also the enormous palace of the Dukes of Braganza. Many palaces and *quintas* have lost their large gardens, sacrificed to the urban development of the city.

Nevertheless, many palaces still remain today, most of which, however, are largely unknown. This is due to the fact that many of the buildings are not open to the public, but also due to the Portuguese tradition that always favoured a richly decorated interior over a lush outside appearance, which is why some of the palaces are really not perceived as such by passersby.

The *“quinta”* is typically Portuguese and not always easily distinguished usually is a mixture of leisure – the “country house” – and economic return – i.e. including vegetable gardens, orchards, and other types of farmland. However the distinction is not always obvious, since some of the *quintas* were actually built as their owners’ main residence, thus reaching a size which would justify them being called palaces.

Desde tempos pré-históricos, Lisboa tem sido procurada por sucessivos povoadores. O seu clima ameno e luz forte, as suas colinas que permitem desfrutar vistas desafogadas, e a localização à beira do rio Tejo fazem da cidade um local muito popular para viver ou para visitar. Estas características, em conjunto com a sua importância como capital de um vasto império colonial durante séculos, resultaram numa grande quantidade de palácios e quintas construídos ao longo do tempo.

Muitos palácios foram destruídos ou alterados nas suas características: com o grande Terramoto de 1755 desapareceram os palácios mais importantes, tais como o Paço Real da Ribeira e o Palácio Corte-Real, ambos à beira-rio, e o enorme Palácio dos Duques de Bragança. Também já não existem muitos jardins em volta dos palácios, pois foram sacrificados à crescente urbanização da cidade.

Apesar disso, ainda existe um rico património palaciano que, no entanto, é em grande parte desconhecido. Isto deve-se ao facto de muitos dos edifícios não se encontrarem abertos ao público, e também à tradição portuguesa que sempre valorizou mais um interior ricamente decorado do que um exterior exuberante, pelo que alguns dos edifícios passam quase despercebidos.

Típica da paisagem lisboeta é também a “Quinta”, não sendo sempre fácil distingui-la do “Palácio”. A “Quinta” é quase sempre uma mistura de lazer – a “casa de campo” – com rendimento – i.e. incluindo uma parte de hortas, pomares, etc. –, mas a distinção não é sempre óbvia, já que algumas quintas foram concebidas como residências principais, tendo por isso um tamanho que justifica a denominação de “Palácio”.

FROM THE DISCOVERIES TO THE POST-RESTORATION

Until the end of the 15th century, there were very few palaces in Lisbon, the majority of which being owned by the Royal Family. The most important one was the Paço da Alcáçova (later destroyed) in São Jorge Castle, which was probably already the residence of the Arab rulers. Lisbon was conquered from the Moors in 1147 and was made capital in the mid-13th century. In 1373, its area was increased substantially with the construction of a new city wall by King Fernando. Lisbon soon became the most important city of the kingdom for trade, despite not reaching the same importance in political terms during the Middle Ages. The Court was usually travelling between different places, and therefore the nobility did not need to build large palaces in Lisbon.

This situation changed when Manuel I became king in 1492. At this time, Lisbon was still very much a medieval city, with very narrow, winding streets. The city wall built by King Fernando deprived the city of direct access to the Tagus.

The discovery of the sea route to India by Vasco da Gama, in 1497/98, and the discovery of Brazil, in 1500, paved the way for the economic development of Portugal and its capital, Lisbon. Because of this, around 1500, King Manuel I began an enormous urban modernization programme: to accommodate the expected population growth, all the olive trees inside the city walls were felled. He also started the Bairro Alto grid system, one of the first European urbanizations following a master plan. Lisbon opened up to the river, with its boundaries defined at the time by the Jerónimos Monastery, in the West, and the Madre de Deus Monastery, in the East. The administrative, political and commercial centre was built in the area next to the Tagus, and for that, parts of the city wall along the river were demolished.

Dos Descobrimentos à pós-Restauração

Até aos finais do século XV, existiram poucos palácios em Lisboa, a maioria deles pertencentes à família real, sendo o mais importante o Paço da Alcáçova (hoje destruído) no Castelo, provavelmente já residência dos alcaides árabes. Conquistada aos mouros em 1147, Lisboa é feita capital do Reino em meados do século XIII, e vê a sua área aumentada substancialmente, em 1373, pela construção de uma nova muralha por D. Fernando. Cedo passa a ser a cidade portuguesa mais importante para o comércio. No entanto, em termos políticos e administrativos, não atinge, na prática, esta função central durante a Idade Média. A corte é itinerante e passa muito tempo noutras cidades, pelo que a nobreza não tem necessidade de construir grandes palácios em Lisboa.

Esta situação altera-se com a subida ao trono de D. Manuel I, em 1492. Nesta altura, Lisboa ainda é uma cidade medieval, com ruas estreitas e tortuosas, de carácter quase rural. A muralha fernandina barra a cidade à sua artéria principal, o rio Tejo.

A descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama, em 1497/98, e do Brasil, em 1500, constituem as bases para o esperado desenvolvimento económico de Portugal e da sua capital. É por isso que D. Manuel inicia, logo por volta de 1500, um enorme programa urbanístico na cidade: para permitir o crescimento populacional previsto, são derrubados todos os olivais dentro de muros. Inicia-se o loteamento do Bairro Alto, uma das primeiras urbanizações a nível europeu que segue um plano geral, com ruas direitas em malha ortogonal. Lisboa abre-se ao rio, os seus limites ribeirinhos são definidos nesta altura pela construção do Mosteiros dos Jerónimos, a ocidente, e da Madre de Deus, a oriente. O centro administrativo, político e comercial do país é construído na zona ribeirinha. A muralha ao longo do rio é aberta, e as principais infraestruturas comerciais e administrativas passam para esta zona.

An embankment was made beside the river, thus creating a square which is called Terreiro do Paço, becoming the main venue for major political events and festivities. On its Northern and Western sides, King Manuel built his new main residence, the Paço da Ribeira, thus moving out of the Paço da Alcáçova in the castle.

The palace was built above the India House, from where all the overseas trade was managed, and therefore its integration into the palace was, above all, a symbolic act. Nevertheless, it appears that King Manuel always appreciated “feeling” the proximity of the Discoveries: his rooms in the new palace had a direct view of the Ribeira das Naus, the shipyard in which the vessels were built that would sail to the Portuguese colonies.

The new palace also showed the cultural eclecticism of the time. An arched gallery of two floors was built perpendicularly to the main wing and to the river, enabling pleasant walks with views of the river and the city. While the architecture of this gallery seems to have been influenced by the Italian renaissance, the bulwark at the end, already in the river, was built in the Manueline style (the typical Portuguese style used during the reign of King Manuel), very similar to the Belém Tower, which was built around the same time.

Following the example of the King, many nobles also started to build their palaces; the Ribeira would become the most popular area, not only because of the proximity of the Royal Palace, but also because of the views it had to offer. Many palaces were built along the ancient city wall; however, today the only remaining one is the Casa dos Bicos. The less wealthy nobles preferred the Bairro Alto area to build their palaces. Today, it is difficult to imagine the palaces during the Discoveries, as they have been substantially changed or even destroyed. Outside, many of them present a mixture of medieval architecture – with towers and battlements – and Manueline style, with the typical twin windows. The spatial organization follows the medieval and maybe even Moorish tradition: there is a



No rio Tejo faz-se um aterro, criando o Terreiro do Paço, que passa a ser a praça onde ocorrerão os principais eventos políticos e festivos.

Nos seus lados norte e oeste, D. Manuel manda edificar a nova residência real principal, o Paço da Ribeira, deixando assim de habitar a Alcáçova na colina do Castelo.

O núcleo do Paço é construído por cima da Casa da Índia, de onde se gere o comércio ultramarino, sendo a sua integração no Paço sobretudo um ato simbólico. No entanto, D. Manuel sempre gostou de “sentir” a proximidade dos Descobrimentos: os seus aposentos no novo Paço tinham vista sobre o rio e a Ribeira das Naus, pelo que D. Manuel deve ter acordado todas as manhãs com o barulho dos estaleiros navais.

O novo Paço mostra também o ecletismo cultural da época.

Perpendicularmente ao corpo principal do Paço e ao rio, D. Manuel manda edificar uma galeria de arcos em dois pisos, que nos seus terraços permite passeios com vistas mais desafogadas. Enquanto a arquitetura desta galeria é influenciada pelo renascimento italiano, o baluarte que se constrói no seu fim, já dentro do rio, é claramente manuelino, de arquitetura muito semelhante à da Torre de Belém, também construída nesta altura.

Seguindo o exemplo do rei, também os nobres iniciam a construção dos seus palácios; a Ribeira passa a ser a zona mais procurada, pela proximidade do Paço Real mas também pela vista sobre o rio Tejo.

Ao longo da antiga muralha seguem-se vários palácios da alta nobreza, dos quais hoje apenas sobrevive a Casa dos Bicos. Os nobres menos ricos constroem os seus palácios preferencialmente no Bairro Alto.

É difícil imaginar-se os palácios da época dos Descobrimentos, já que foram bastante transformados posteriormente ou até destruídos.

set of small rooms, often built around a courtyard or a garden, with very little connection to the outside. This model of a “universe enclosed in itself” survived until the baroque times, although with some modifications. Inside, the palaces also show the same mixture of medieval and Arab traditions: the rooms are multi-functional and decorated according to the seasons or even for specific events, mainly with cloths and fabrics. Unlike the palaces in other European countries, furniture was not yet important for decoration. For social events, the rooms would have dais, on which people would sit on carpets or cushions, following the Arab tradition. The main focus at the time was on the rich interior decoration, and not on a representative exterior architecture.

When João III became king in 1521, the trend towards a very simple, plain exterior was reinforced by the rejection of the Manueline style and by the Counter-Reformation. The Portuguese “plain style” was born and would remain until baroque times. Few palaces were built from the mid-16th century onwards, as most members of the nobility had already built their palaces. There were some exceptions, however, such as some *quintas* in areas close to the river like Belém and the East Lisbon area.

After the death of King Sebastião at the Battle of Alcácer-Quibir (Morocco) in 1580, King Philip II of Spain became King and Portugal lost its independence. A large part of the nobility chose to live in their summer residences outside Lisbon. Curiously, it was King Philip who began some of the most important works in Lisbon of the time. Among others, he transformed the Paço da Ribeira, as to him it seemed small and not very representative. Instead of the bulwark, a large tower was built, crowned by a big dome, which dominated all the views of Lisbon at the time. In spite of having been destroyed by the 1755 earthquake, the tower “survives” today in the towers of the Praça do Comércio – similar, but without the dome – and in the towers of the Palace-Convent of Mafra, which do have a dome. After the restoration of Portuguese independence, the tower would house the King’s rooms, probably being one of the best ever places to live in Lisbon, being located directly over the river and having a 360° view of the city.

Exteriormente, apresentam-se numa mistura de arquiteturas medieval – com torres e ameias – e manuelina, com as típicas janelas geminadas. A sua organização insere-se ainda na tradição medieval e talvez mourisca: um conjunto de corpos pequenos, organizados muitas vezes à volta de um pátio ou de um jardim, pouco aberto ao exterior. Este modelo de “universo fechado em si” permanecerá, embora com alterações, até à época barroca. Também o seu interior revela a mistura de tradições medievais e mouriscas: os espaços são polifuncionais, com divisões que são decoradas, sobretudo com panos e tecidos, de maneira diferente consoante os eventos ou até as estações do ano. Ao contrário dos outros países europeus, o mobiliário não tem ainda uma grande importância. Para os eventos sociais montam-se estrados onde as pessoas se sentam em cima de tapetes ou almofadas, à maneira árabe. Toda a ênfase é posta na riqueza da decoração interior em vez de uma arquitetura exterior exuberante.

Depois da subida ao trono de D. João III, em 1521, esta tendência para os exteriores austeros, simples, desprovidos, é reforçada pela rejeição do estilo manuelino e pelo movimento da Contra-Reforma. Forma-se em Portugal o chamado “estilo chão”, que será dominante até ao barroco. A partir de meados do século XVI são construídos poucos palácios; os nobres têm agora as suas residências edificadas. Algumas exceções são as quintas nas zonas ribeirinhas longe do centro, em Belém e na zona oriental.

Pouco depois da morte de D. Sebastião em Alcácer-Quibir, D. Filipe II de Espanha sobe ao trono, em 1580, perdendo Portugal a sua independência. Enquanto a nobreza se retira para viver nas suas residências de veraneio fora de Lisboa, é curiosamente D. Filipe quem promove algumas das obras mais importantes na cidade depois do programa manuelino. Entre outros, Filipe manda transformar o Paço da Ribeira, achando o edifício existente pequeno e pouco representativo. Substituindo o antigo baluarte, constrói-se assim um Torreão, coroado por uma grande cúpula e marcando todas as vistas de Lisboa até ao Terramoto. Embora destruído pelo Terramoto, o Torreão “sobrevive” nas torres da atual Praça do Comércio – semelhantes, mas sem cúpula – e também nas torres dos cantos do Palácio-Convento de Mafra – estas já com as cúpulas. Depois da Restauração, serão instalados no Torreão

Due to the Spanish domain, very few palaces were built at this time. One of the largest was Corte-Real Palace, begun in 1585. Separated from the Paço da Ribeira only by the Ribeira das Naus (the wharf), its square form had four floors and towers in each corner, to which were added two wings moving forward into the river which had terraces on top, at the level of the main floor. The main wing of the palace had 185 rooms, of which 18 were “royal rooms”, and dominated the views of Lisbon next to the Paço da Ribeira until both were destroyed by the earthquake.

Following Independence in 1640, Portugal moved into crisis. The wars with Spain last until 1667, and therefore there were no major civil construction works during those years. The nobility was busy leading the army into the different battles, and the architects were focused on military defence.

It was only after the signing of the peace treaty with Spain in 1668 that the old and new nobles – who were given new titles in recognition of their important role in defending Independence – started to build or renovate their palaces and quintas. Their preferred areas were outside the city centre, with no restrictions on the size of the buildings: the current area of the Avenida da Liberdade, Campo de Santana, Palhavã, and the easternmost area along the river. Architecture mainly followed the domestic tradition, but there was also some interest in foreign styles, mainly from Italy, as can be seen in the Fronteira, Palhavã and Belém Palaces. The large urban palace and the *quinta* with a more sophisticated layout were the main innovations of the time.

The urban palace of the period was characterized by a very plain facade, highlighting the horizontal lines, and in which the main features were the entrance portal and the main floor with its large windows. The main sign of wealth was the number of servants, and because of this, usually most palace rooms were servants’ quarters. The tradition of the entrance courtyard remains, even in the urban examples, such as the Tancos and Óbidos Palaces.

Regarding the *quintas*, a more sophisticated layout started to appear: a U-shape around the courtyard, usually closed by a wall, as can be seen in Galveias Palace. The connection between the main building and its surrounding landscape became more important:

os aposentos do rei, constituindo provavelmente a habitação mais bem localizada que alguma vez houve em Lisboa: diretamente por cima do rio, com vista de 360 graus para a cidade e para o Tejo.

Devido ao domínio espanhol, poucos palácios são construídos em Lisboa nesta altura. Um dos maiores é o Palácio Corte-Real, mandado erigir a partir de 1585. Separado do Paço da Ribeira apenas pela Ribeira das Naus, é constituído por um corpo quadrado de quatro andares, com torres aos cantos, acrescentado por dois corpos avançando para o rio e perpendiculares a este, com terraços por cima, ao nível do andar nobre. Este palácio, cujo corpo principal terá tido 185 compartimentos, dos quais 18 “salas reais”, domina as vistas de Lisboa ao lado do Paço da Ribeira até ser destruído pelo Terramoto.

Com a Restauração da Independência, em 1640, Portugal entra num tempo de crise. As guerras com Espanha prolongam-se até 1667, pelo que não há grandes construções civis até este ano. Os nobres estão ocupados na organização do exército, e a arquitetura preocupa-se mais com as construções de defesa.

Por isso, é apenas a partir da assinatura da paz com Espanha, em 1668, que a nobreza antiga e nova, agraciada com novos títulos e bens pelo seu papel importante na defesa da independência, começa a construir ou renovar os seus palácios e quintas. As áreas preferidas são as zonas fora do centro para se construir à vontade: o Vale Verde (atual zona da Avenida da Liberdade), o Campo de Santana, Palhavã e a zona oriental ao longo do rio. A arquitetura permanece vincada aos modelos nacionais, embora haja uma certa abertura a outros trazidos do estrangeiro, principalmente da Itália, a notar nos Palácios Fronteira, Palhavã, e de Belém, entre outros. Às vezes nota-se também a influência da arquitetura militar, tal como no portão do Palácio Galveias. As principais inovações deste período são o grande palácio urbano e a quinta de lazer de planta mais erudita.

O palácio urbano deste período é caracterizado por uma fachada austera, que realça a horizontalidade, e na qual se destacam apenas o portal e o andar nobre com as suas janelas de sacada. O sinal exterior de riqueza por excelência é o número de criados, pelo que a maioria das divisões dos palácios se destina normalmente a estes. Continua a tradição do uso do pátio de entrada, mesmo nos palácios urbanos, tais como o Palácio Tancos ou o Palácio Óbidos.



a very typical solution is the terrace at the level of the main floor, connected to the garden by an exterior stairway, as can be seen, among others, in the Belém, Mesquitela and Farrobo Palaces.

Another novelty of the time was the large-scale use of tile ashlars in civil architecture, adapted from the religious buildings. These started to replace the lower part of the temporary wall decoration; however, the upper part would maintain its cloth and fabric decoration.

Patterned polychrome tile ashlars were initially moved from the churches to the palaces. A new fashion, however, soon took over inspired, to some extent, by the Dutch tiles which were imported at the time. The tiles became blue and white, and started to include figurative scenes. This change in style, in around 1670, can be clearly seen at Fronteira Palace. Tile ashlars would continue to be used until the 19th century, but their peak would be in the baroque period, which was mainly the first half of the 18th century.



Nas quintas de lazer, aparece agora uma planta mais erudita, formando um “U” à volta do pátio, normalmente fechado por um muro, tal como no Palácio Galveias. Também a relação do edifício principal com a paisagem envolvente ganha mais importância; uma solução típica é o terraço ao nível do andar nobre, às vezes ligado ao jardim por uma escadaria exterior – visível, entre outros, nos Palácios de Belém, Mesquitela e Farrobo.

Outra grande novidade desta época é a utilização do azulejo em grande escala na arquitetura civil, adaptado da arquitetura religiosa.

O azulejo começa assim a substituir a parte inferior da decoração temporária das paredes; no entanto, a parte superior continua forrada de panos e tecidos.

Numa primeira fase, a azulejaria de padronagem policroma das igrejas é transposta para os palácios. Rapidamente, porém, a azulejaria evolui para novas características, também influenciada pela importação dos azulejos holandeses. Inicia-se a viragem para a pintura a azul e branco – no início ainda com os contornos a manganês – e para a azulejaria figurativa. Esta viragem, que se dá por volta de 1670, é bem visível no Palácio Fronteira. A utilização do azulejo continuará até ao século XIX, mas terá o seu auge na época barroca da primeira metade do século XVIII.



BAROQUE

O Período Barroco

The first half of the 18th century was the golden age of Lisbon palaces, not because many new palaces were built, but rather because many of the existing buildings were transformed, expanded or redecorated.

At the end of the 17th century, gold was discovered in Brazil (a Portuguese colony at the time) and with this Portugal finally managed to achieve considerable wealth. João V, King since 1706, wanted to show this wealth through an enormous project: the Palace-Convent of Mafra, some thirty kilometres outside Lisbon.

The nobility in general was not going to build many new palaces, mainly because most of them had already built their residences at the end of the 17th century, but also because the construction of Mafra attracted all the available workforce in terms of architects, engineers and even masons.

However, many palaces were transformed and redecorated in a very typical Portuguese lush style in which tiles played an important role, with the figurative tile panels becoming more and more common. The rooms were no longer multifunctional, focusing on specific social functions. This is also reflected by the tile ash-lars: the ballrooms are decorated with scenes related to dancing and music; the dining rooms have hunting scenes; and in many cases, the reception and living rooms have mythological topics and scenes from Ovid's *Metamorphoses*. Above the tile ash-lars, decoration continues to be cloth and fabrics.

A primeira metade do século XVIII é o período áureo dos palácios em Lisboa, não por ter havido muitas construções novas, mas porque muitos dos edifícios existentes são transformados, ampliados ou redecorados.

Em finais do século XVII, com a descoberta do ouro no Brasil, Portugal consegue finalmente atingir uma certa abundância. D. João V, que reina a partir de 1706, quer sublinhar a nova riqueza com a construção de uma obra gigantesca: o Palácio-Convento de Mafra, a algumas dezenas de quilómetros de Lisboa.

A nobreza não faz muitas edificações novas, principalmente porque a maioria já tem as suas residências erigidas desde finais do século XVII, mas também porque as obras de Mafra monopolizam toda a mão de obra de arquitetos, engenheiros e até pedreiros.

No entanto, as transformações e redecorações de muitos dos palácios existentes conferem-lhes um estilo exuberante, tipicamente português, no qual o papel do azulejo é preponderante. Generaliza-se nesta época a utilização dos azulejos figurativos, cada vez mais grandiosos e elaborados. O desaparecimento da polifuncionalidade dos espaços, e a dedicação das salas sociais a funções específicas, refletem-se também nos temas da azulejaria: os salões de baile são decorados com cenas galantes e de música; nas salas de jantar colocam-se azulejos com cenas de caça; nas salas de estar e de receção encontram-se agora temas da mitologia e das *Metamorfoses* de Ovídio. Acima dos azulejos, continua-se a forrar as paredes de tecidos ricos ou de tapeçarias.



With the baroque taste for dramatic and theatrical scenes, the grand stairway became increasingly important, and in the Portuguese palaces its walls often included tile ashlar with war scenes or welcome figures, which represent the entrance into the private sphere. In a way similar to the Italian *trompe-l'oeil* ceiling paintings, which try to open the space upwards, the Portuguese artists open the lateral spaces, with balustrades painted on tiles, having landscapes behind them. Tile ashlars are also used in exterior spaces, as terraces, sometimes being the main decorative element, such as in the garden of the Quinta dos Azulejos. From the mid-18th century onwards, the rococo style again highlighted polychrome tiles. The 1740s saw the first palaces with more than three floors, being the predecessors of the Pombaline buildings after the 1755 earthquake. Some good examples of this are the Barbacena and Ludovice Palaces.

O gosto barroco pela encenação resulta numa crescente importância da escadaria de aparato, muitas vezes forrada de azulejos com cenas de guerra ou com as célebres figuras de convite, simbolizando a entrada na esfera privada. Semelhante às pinturas de teto italianas *trompe-l'oeil*, que tentam abrir o espaço para cima, os artistas portugueses utilizam o azulejo para dissolver os espaços laterais: aparecem as balastradas pintadas em azulejo, com paisagens por trás. O azulejo é também utilizado nos espaços exteriores, nos terraços, assumindo por vezes o papel essencial na decoração do jardim, como na Quinta dos Azulejos. A partir de meados do século, o estilo rococó na azulejaria inicia o regresso à policromia.

Na década de 1740, começam a aparecer os primeiros palácios com mais de três pisos, os primeiros antecessores dos prédios pombalinos da época do pós-Terramoto – são exemplos disso os Palácios Barbacena e Ludovice.

AFTER THE EARTHQUAKE – BREAK AND CONTINUITY

The 1755 earthquake had a deep impact on Lisbon: a large part of the city was destroyed, and with it many of the palaces, at least in part. Nevertheless, during the following two decades only the major damages to the palaces is repaired. Few palaces are completely rebuilt, mainly due to the economic crisis, but also due to the fear that many people had of living in a building made of stone again. Even the Royal Family preferred to live in a mainly wooden building for decades, instead of building a new Royal Palace. Also, the Marquis of Pombal, governing the country, imposed many limitations on the nobility, another reason why many of them did not want to begin major building work.

Maria I became Queen and removed the Marquis of Pombal from power, in 1777. The following three decades saw important construction activity by nobility, with many of them rebuilding their existing palaces or building new ones, such as the Foz and Pombeiro Palaces. But besides the old nobility, there was also another group that started to build their palaces: the bourgeoisie. Many of them had become wealthy from commercial activities in the Pombal era, with some having been awarded a title. These now wanted to build a palace reflecting their new status, as was the case of the Porto Covo, Quintela and Manteigueiro Palaces.

Architecturally speaking, at least initially, there was no big change from the times before the earthquake. The reconstruction of Lisbon by the Marquis of Pombal, dominated by rationality, largely continued to use the “plain style”. After that, some buildings like the Porto Covo and the Manteigueiro Palaces move away from it, only to go back to the baroque vocabulary. The neoclassical style appeared late in Lisbon and did not find many followers. There were, therefore, only a few buildings in this style: the equestrian arena in Belém Palace, the São Carlos opera, Foz and the Ajuda Palaces.

Depois do Terramoto – Rutura e Continuidade

O Terramoto de 1755 tem impactos profundos: grande parte de Lisboa é destruída, e com ela, parcialmente ou por completo, a maioria dos palácios. Apesar disso, nas duas décadas seguintes os nobres limitam-se a reparar os danos mais importantes. Poucos palácios são totalmente reconstruídos, devido à crise económica que o país atravessa, mas também pelo medo que a população tem de voltar a viver num edifício de pedra e cal: mesmo a família real, como muitos outros, prefere, durante décadas, a vida num edifício maioritariamente de madeira à construção de um novo Paço Real. Também as limitações que o Marquês de Pombal impõe aos poderes dos nobres fazem com que estes não se sintam à vontade para empreender grandes construções.

Será apenas depois da subida ao trono de D. Maria I e do afastamento de Pombal, em 1777, que se iniciam três décadas em que, com os seus poderes restituídos, muitos nobres vão construir novos palácios, ou transformar as suas residências existentes, parcialmente destruídas: são casos disso os Palácios Foz e Pombeiro.

Mas além da antiga nobreza surge nesta época um segundo grupo de construtores: são os burgueses, enriquecidos desde os tempos de Pombal pelas suas atividades comerciais. Parte deles já recebeu novos títulos de nobreza, pelo que querem agora erigir edifícios que reflitam o seu novo estatuto: Porto Covo, Quintela e Manteigueiro.

Do ponto de vista da arquitetura, não se nota, pelo menos nos primeiros tempos, uma grande descontinuidade com a época antes do Terramoto. Na reconstrução pombalina de Lisboa, dominada pela lógica da racionalidade, continua de certo modo a utilização do “estilo chão”.





The main changes in palatial architecture can be seen in interior decoration. Contrarily to religious architecture, the tile panels continued in use, but with a different decorative pattern. Each room was now being looked at as a single unity, from the ceiling to the floor. The space between the tile ashlar and the ceiling, formerly filled with cloths and fabrics, was now painted in styles imported from abroad: Pompeian style paintings, or romantic landscapes – imported by the French painter Pillement –, visible in the Abrantes and Porto Corvo Palaces.

These fertile years in terms of construction were ended in 1807 by the invasion of the French troops of Napoleon and the Royal Family moving to Brazil. Only after the civil war, would the country enjoy another prosperous period.

Mais tarde, já depois de Pombal, alguns palácios fogem a esta regra, mas não sem voltar ao vocabulário barroco, tais como os Palácios Porto Covo ou do Manteigueiro. O neoclassicismo aparece tarde em Lisboa e não encontra muitos seguidores, pelo que são raros os edifícios neste estilo: o Picadeiro Régio do Palácio de Belém, o Teatro de São Carlos, o Palácio Foz e o Palácio da Ajuda.

As maiores alterações da arquitetura palaciana desta altura notam-se na decoração interior. Ao contrário da arquitetura religiosa continua a utilização do azulejo, embora com formulário decorativo atualizado. No entanto, o espaço interior das salas começa agora a ser visto como uma unidade. O espaço entre os painéis de azulejos e o teto, anteriormente forrado de panos e tecidos, é agora preenchido pelas pinturas murais, cuja moda é importada do estrangeiro: pinturas de estilo pompeiano, ou então as paisagens românticas – trazidas para Portugal pelo francês Pillement –, visíveis nos espaços sumptuosos do Palácio Abrantes ou do Palácio Porto Covo.

Esta época fecunda para a construção palaciana acaba em 1807, com a invasão das tropas de Napoleão e a ida da Corte para o Brasil. Será apenas depois das lutas liberais que se assistirá a uma outra época mais desafogada em termos económicos.



BOURGEOISIE AND NEW NOBILITY – THE 19TH AND 20TH CENTURIES

When Maria II became Queen in 1834 and the monarchy stabilized, Lisbon saw the beginning of a new “golden era” in its social life. It was the time of grand parties and balls, in the so called “Assemblies” and “Associations”, but also in the palaces; the famous parties of the Count of Farrobo in his palace at Laranjeiras, for example, would be the talk of the town for decades.

Liberal romantism also led to the rise of the bourgeoisie. Its members, with their recent fortunes, preferred to build their homes on a smaller scale than the old nobility. The “*palacete*” (lit. small palace) or mansion began to spring up, intended to host a family with few servants, while still indicating an important social status. In the mid-19th century, a lot of *Palacetes* were built, many of them by emigrants who made their wealth abroad and then returned to Portugal.

From the 1870s onwards, many palaces received a new decoration with each room representing the style of a different period: there are neogothic paintings, as in the case of the Xabregas Palace, Arab rooms and rooms decorated in the style of Louis XV or Louis XVI, the most important of which can be found in the Vale-Flor and Foz Palaces. The beginning of the 20th century saw the construction of some *Palacetes* in a neo-Venetian style, as with *Palacete Mendonça*.

Throughout the 19th and 20th centuries, many families were no longer able to maintain their palaces, and many of the buildings deteriorated. It was only in the 1980s, after the Revolution, that institutions started to maintain and restore them. Many of the palaces are today owned by public and private institutions, and it is due to them that we can enjoy the marvellous palatial architecture which is the subject of this book.

Burguesia e Nova Nobreza – os séculos XIX e XX

Com a estabilização da monarquia e a subida ao trono de D. Maria II, em 1834, inicia-se uma “época áurea” na vida social de Lisboa.

Nas Assembleias e Associações proliferam as festas e os bailes, como nas casas nobres; fala-se durante décadas das famosas festas do Conde de Farrobo no seu Palácio das Laranjeiras.

Com o romantismo liberal, continua também a ascensão da classe burguesa. De fortunas recentes, procuram agora edificar residências a uma escala menos pomposa que a dos antigos palácios da velha aristocracia; é a época do “*Palacete*”, destinado a albergar uma família com poucos criados, sem deixar de transparecer um estatuto social importante. Em meados do século, os palacetes são construídos por toda a parte, muitas vezes por emigrantes enriquecidos que voltam agora para Portugal.

Nas redecorações a partir dos anos 70, generaliza-se a moda revivalista: pinturas neogóticas, como no Palácio de Xabregas, ou salas decoradas ao estilo de uma certa época ou cultura – Salas Árabes, Salas Luís XV ou Luís XVI, cujos exemplos mais esplendorosos se encontram sem dúvida no Palácio Valle-Flor e no Palácio Foz. Já no início do século XX são construídos alguns palacetes num estilo neo-veneziano, como os *Palacetes Valmor* ou *Mendonça*.

Durante os séculos XIX e XX, muitas famílias deixam de conseguir sustentar os seus palácios, pelo que estes se degradam lentamente, ficando até alguns arruinados. É apenas por volta da década de 1980 que se generaliza uma consciência de conservar e restaurar o património edificado. Muitos dos palácios estão hoje nas mãos de instituições públicas ou privadas, graças ao esforço das quais foi possível conservar o esplendor da arquitetura palaciana que este livro irá transmitir.





O Palácio Azurara situa-se nas Portas do Sol em Alfama e, tal como o vizinho Palácio Belmonte, integra partes da Cerca Moura.

Palácio Azurara



This palace is located at the Portas do Sol in the Alfama area, and just like the neighbouring Belmont Palace, it includes parts of the ancient city wall.

O edifício foi construído provavelmente na segunda metade do século XVII. No primeiro quartel do século XVIII, a escadaria foi decorada com azulejos barrocos que mostram guardas pretorianos como figuras de convite. Já nos finais do mesmo século, o Palácio ficou na posse do Visconde de Azurara. É provavelmente a ele que se deve a decoração de várias salas no estilo neoclássico D. Maria I, como a Sala da Música em forma oval.

Em 1947, o Palácio foi comprado por Ricardo do Espírito Santo Silva, banqueiro e um dos maiores colecionadores de obras de arte do seu tempo. Percebendo que há muito tempo as artes decorativas portuguesas estavam em vias de extinção e que, para garantir a sua sobrevivência, era preciso um esforço substancial, Ricardo do Espírito Santo Silva fundou, em 1953, uma instituição capaz de apoiar as artes decorativas tradicionais de uma forma inovadora. Por um lado cultivava-se o gosto por estas artes, entre alunos e público em geral, através de um museu e, por outro lado, dava-se início à criação de uma escola para o ensino das artes e ofícios.







Nascia assim a Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva (FRESS), da qual faz parte o Museu-Escola de Artes Decorativas Portuguesas. O ambiente ideal para este projeto estava encontrado: o Palácio Azurara, cuja decoração foi amplamente restaurada, ficando o edifício mobilado com mais de duas mil peças da coleção privada de Ricardo do Espírito Santo Silva. No Museu-Escola foi, assim, criado o ambiente característico de uma casa fidalga setecentista, onde a cada sala corresponde uma função social específica. Desta maneira, e devido à visão e ao esforço de Ricardo do Espírito Santo Silva e da sua Fundação, o Palácio Azurara permite-nos hoje, como nenhum outro, reviver a vida palaciana na Lisboa do século XVIII.





It was probably built in the second half of the 17th century. In the first quarter of the 18th century, the staircase was decorated with baroque tile panels depicting Pretorian guards as welcome figures. At the end of the same century, the palace was acquired by the Viscount of Azurara, and it was probably him who redecorated the oval Music Room, and several others, in neoclassical style.

The palace was acquired in 1947 by Ricardo do Espírito Santo Silva, a banker and one of the most important art collectors of his time. Recognizing that the Portuguese decorative arts were endangered and that a substantial effort was needed to guarantee their survival, he founded an institution in 1953 that was able to support the traditional decorative arts in an innovative way. He not only founded a museum in which both students and the general public could cultivate their taste for these arts, but also set up teaching activities based on a school curriculum structure.



And so, the Ricardo do Espírito Santo Silva Foundation was born, including the Museum of the Portuguese Decorative Arts. The ideal environment for this institution was found in Azurara Palace, which had its decoration completely restored and was filled with more than two thousand pieces of furniture and other decorative objects from Espírito Santo's private collection. A typical 18th century palace has thus been recreated, where each room has its specific social function.

Due to the vision and continued work of Ricardo do Espírito Santo Silva and his Foundation, Azurara Palace enables us to immerse ourselves in 18th century Lisbon palace life.







EV. SOV.
OMESTRE
DACOLFA





O Palácio Fronteira, com os seus magníficos jardins, é hoje um dos exemplos mais notáveis em Portugal de uma residência nobre seiscentista suburbana. Inicialmente projetado como pavilhão de caça, o conjunto foi concebido provavelmente no final da década de 60 do século XVII, quando a Guerra da Restauração já se aproximava do fim.

Palácio Fronteira

Fronteira Palace, surrounded by magnificent gardens, is one of the most remarkable examples of a 17th century suburban noble residence. Originally intended to be a hunting lodge, the palace was probably built at the end of the 1660s, when the Portuguese War of Independence was coming to its climax.

O seu fundador, D. João de Mascarenhas, Conde da Torre, teve um papel importante nessa guerra, como mostram os painéis na Sala das Batalhas. Foi, por isso, elevado a 1.º Marquês de Fronteira em 1670 pelo então Príncipe Regente D. Pedro, futuro Rei D. Pedro II, do qual era amigo e conselheiro importante.

Em 1671 ou 1672, o Palácio foi inaugurado com a visita de D. Pedro, a quem foi servido um grande banquete, depois de uma caçada. Conta a tradição que, após a refeição, toda a loiça foi partida para que mais ninguém viesse a servir-se dos pratos onde o Regente tinha comido. Com a sua residência principal em Lisboa destruída pelo Terramoto de 1755, a família mudou-se permanentemente para aqui. O 5.º Marquês acrescentou, então, ao edifício uma ala nova e mandou executar decorações diferentes nas dependências existentes, nomeadamente as obras de estuque visíveis em muitas salas.



The owner, João de Mascarenhas, Count of Torre, had a very important role in that war, as is shown by the tile panels in the Battle Room. He was therefore given the title of Marquis of Fronteira in 1670 by the future King Pedro II, to whom the Marquis was an important counsellor and friend.

The palace was inaugurated in 1671 or 1672 with a visit from Prince Pedro who was served a sumptuous banquet after hunting. Tradition has it that after the meal all the dishes were broken so that nobody else could eat from the plates the future king had eaten off.

With their main residence in Lisbon destroyed by the earthquake in 1755, the family moved to live here permanently. The 5th Marquis added a new wing to the building and also refurbished the existing rooms with the splendid *stucco* decoration.

The palace is especially remarkable because of its tiles, from the Battle Room with its War of Independence battle scenes painted in meticulous detail, to the terrace with its gallery of the liberal arts and the animal caricatures that criticize the *nouveaux riches* of the time.

With the Knights' Basin panels, probably depicting family ancestors, the Marquis showed his pride in belonging to one of the most important families of the country. Above it is the Kings' Gallery, with the busts of all Portuguese kings up to Prince Pedro, who only later became king.

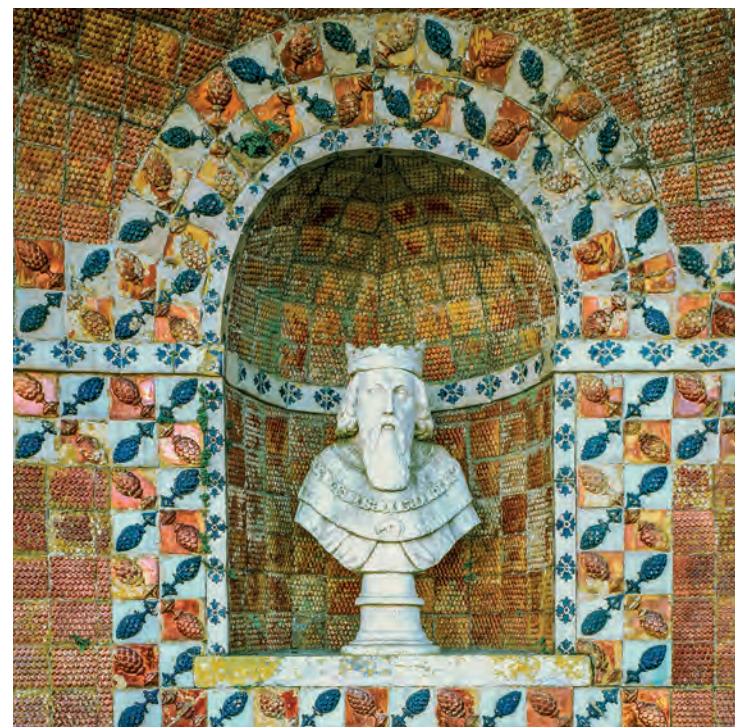
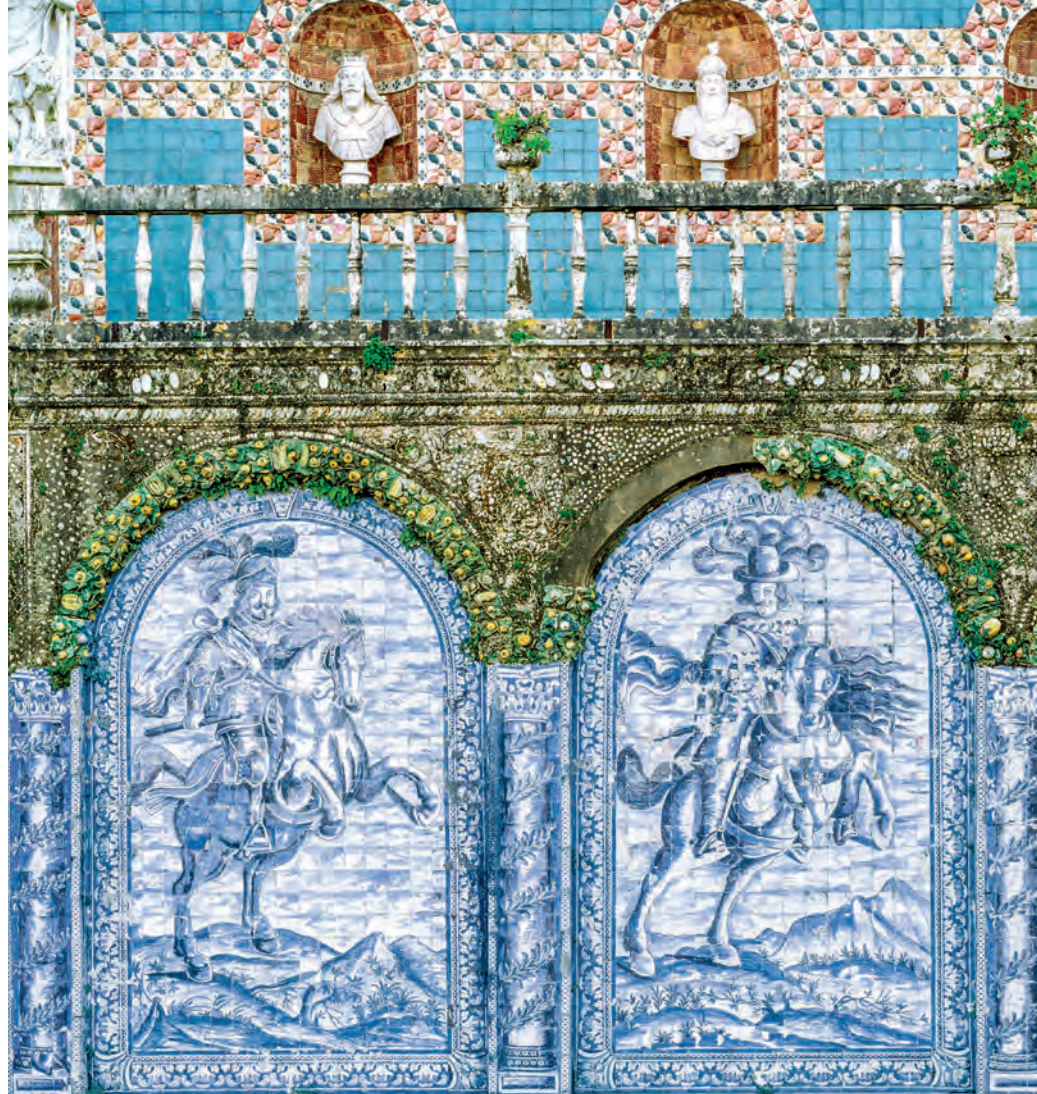


The Marquis of Fronteira's family still live in the palace. It is, however, open to visitors, so everyone can have the opportunity to enjoy it and its wonderful gardens which, especially in summer, are unrivalled.

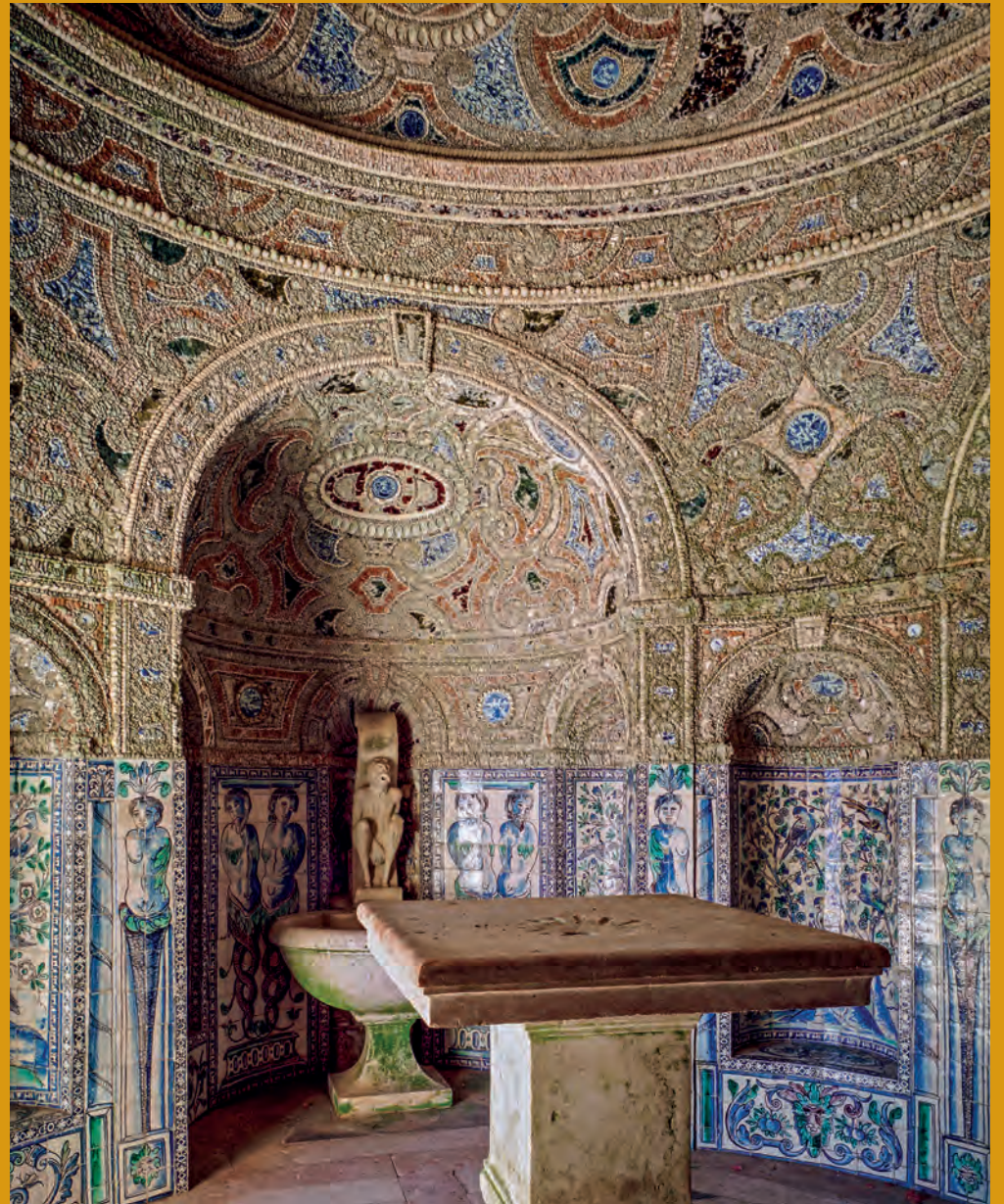
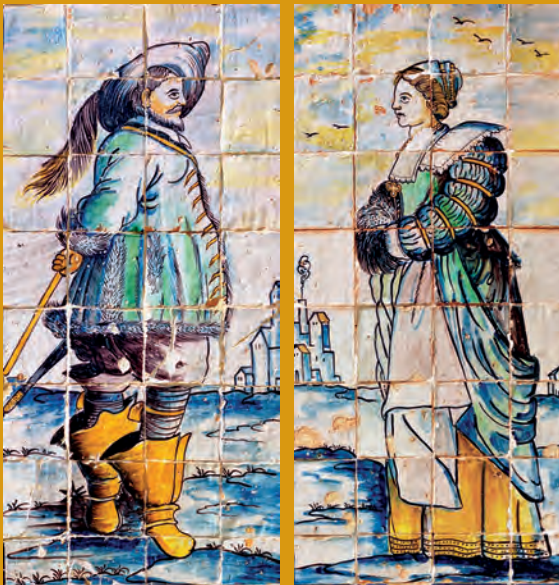


O Palácio é notável sobretudo pelos seus azulejos, desde a Sala das Batalhas, com os detalhes da Guerra da Restauração minuciosamente pintados, até ao terraço com a galeria das artes liberais e as caricaturas de animais que criticam os “novos-ricos” da altura. Com os painéis do Tanque dos Cavaleiros, que exibem provavelmente antepassados da família, os Mascarenhas mostravam o seu orgulho de serem uma das mais importantes famílias do país. Por cima destes painéis está a Galeria dos Reis, com os bustos dos reis de Portugal até ao Infante D. Pedro, que só depois veio a ser rei. O Palácio Fronteira é ainda hoje habitado pela família do Marquês de Fronteira, mas pode ser visitado, dando assim a qualquer pessoa a oportunidade de aproveitar este Palácio e a frescura dos seus jardins que, nos meses de verão, permanece inigualável.











Em 1149, D. Afonso Henriques doou à Mitra de Lisboa uns vastos terrenos em Marvila, frente ao rio Tejo, onde os arcebispos de Lisboa foram construindo a sua casa de campo.



Palácio da Mitra

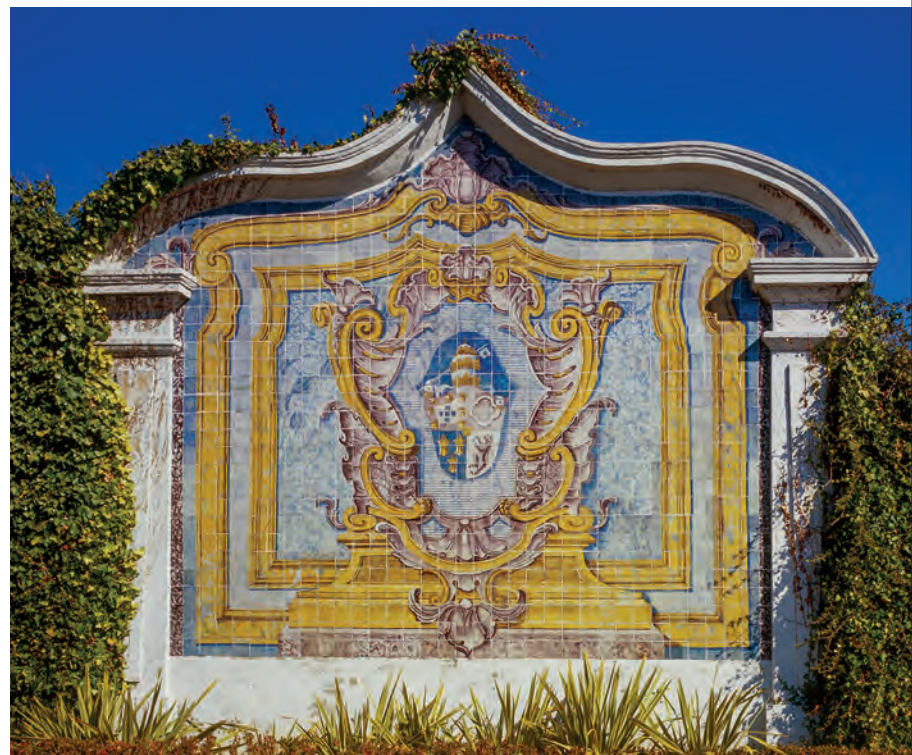


In 1149, King Afonso Henriques donated a large piece of land in the Marvila area, facing the Tagus, to the Church. This is where the successive archbishops of Lisbon built their country house.

Não é conhecida a data da construção da primeira casa, mas assume-se geralmente que esta sofreu uma profunda remodelação nos finais do século XVII.

Crê-se que a partir dos anos 30 do século XVIII, o Palácio foi reconstruído pelo primeiro patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida, o mesmo que mandou construir o Palácio Lavradio.

As obras, possivelmente dirigidas pelo italiano Canevari, abrangeram principalmente a remodelação interior, mas provavelmente também a já desaparecida capela, que tinha a mesma dimensão que o resto do edifício. A propriedade foi adquirida pela Câmara Municipal de Lisboa em 1930. Depois de estar aqui instalado o Museu Municipal – hoje no Palácio Pimenta –, o Palácio serve agora de espaço de receções.



No seu exterior, o Palácio da Mitra tem o aspeto típico seiscentista, enquanto no interior se misturam elementos seiscentistas – os tetos apainelados – com decoração barroca, nomeadamente os azulejos na escadaria e nas várias salas. Do lado nascente do Palácio, ao nível do andar nobre, existe um pequeno jardim. Numa das suas paredes exteriores foi colocado um painel representando as armas de D. Fernando de Sousa e Silva, patriarca de Lisboa entre 1776 e 1778. Este jardim constituía um excelente miradouro sobre o rio Tejo, mas perdeu esta sua função com os aterros do século XX.





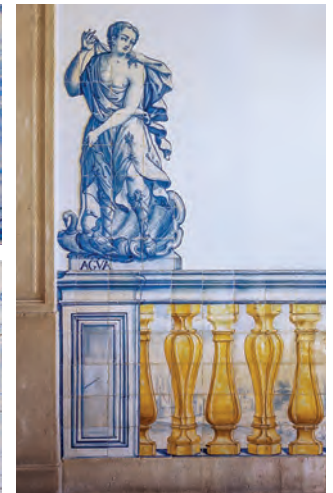
Nobody knows when the house was built, but it is assumed that this first palace was remodelled completely at the end of the 17th century.

The palace was rebuilt, probably from the 1730s onwards, by the first Patriarch of Lisbon, Tomás de Almeida, who also built the Lavradio Palace. The works which were possibly directed by the Italian Canvari mainly focused on remodelling the interior but also the Chapel, which has since been demolished, but which would have had the same size as the rest of the building.

The palace was acquired by the City of Lisbon in 1930. After housing the City Museum – today in the Pimenta Palace – it is used today for receptions and other events.

The exterior of the palace is typically 17th century, whereas inside there is a mixture of 17th century features, such as the ceilings, and 18th century ones, such as the tile ashlars on the staircase and in several rooms.

On the East side of the palace, at the main floor level, there is a small garden. One of the walls has an tile ashlar representing the arms of Fernando de Sousa e Silva, Patriarch of Lisbon between 1776 and 1778. This garden used to have an excellent view of the Tagus. Since the 20th century landfills, however, the palace no longer has direct access to the river.









This Palace, also known as the “Queen’s Palace”, was built by Catherine of Braganza at the beginning of the 18th century.

Paço da Bemposta

Este Palácio, também conhecido por “Paço da Rainha”, foi mandado construir por D. Catarina de Bragança no início do século XVIII.

D. Catarina, filha de D. João IV, proclamado Rei de Portugal em 1640, tinha casado com Carlos II de Inglaterra, como parte do pacto celebrado entre os dois países contra a Espanha (em contrapartida, três regimentos ingleses participaram na Guerra da Restauração, e podem admirar-se nos painéis das batalhas no Palácio Fronteira). Após a morte do marido, e sem ter dado um herdeiro à Coroa inglesa, D. Catarina regressou a Portugal em 1692.

Depois da sua morte, viveram aqui sucessivamente vários infantes até D. Pedro III, que por casamento com a sua sobrinha, D. Maria I, se tornou Rei de Portugal. Este mandou reedificar a capela do Palácio a Manuel Caetano de Sousa; as obras terminaram em 1793.







Também viveu aqui o Infante D. João, futuro D. João VI, o qual, depois do regresso da família real do Brasil, escolheu novamente o Paço como sua residência principal. Porém, depois da sua morte em 1826, o Paço foi abandonado de vez pela família real. Em 1850, D. Maria II instalou aqui a Escola do Exército, chamando-se hoje Academia Militar, que ainda ocupa o Paço atualmente.

No interior, pouco sobreviveu do Paço da Rainha, além da grandiosa capela. A Biblioteca data de 1899, o átrio de entrada foi remodelado em 1918, com azulejos de Jorge Colaço, representando, com cenas dramáticas, os diferentes ramos do Exército.

Catherine, daughter of João IV, declared King of Portugal in 1640, had married Charles II of England as part of the union of the two countries against Spain (three English regiments were sent to participate in the Portuguese War of Independence; they can be admired on the panels of the Battle Room at Fronteira Palace). After her husband's death, and without having given any heirs to the English monarchy, Catherine returned to Portugal in 1692.

After her death, the palace was occupied successively by various princes, up to Pedro, who became king by marrying his niece, Queen Maria I. It was King Pedro III who had Manuel Caetano de Sousa rebuild the chapel that had been destroyed in the earthquake. The works were finished in 1793.

Another prince to live here was the future King João VI. When the royal family returned from Brazil after the end of the Peninsular War, he again chose this palace as his residence. After his death in 1826, Bemposta was completely abandoned by the royal family. Maria II installed the Military Academy here in 1850, which has remained.

Inside, not much of the Queen's Palace has survived, except the splendid chapel. The library is from 1899, and the main entrance was remodelled in 1918 with tile panels by Jorge Colaço, depicting the Army's different branches in dramatic scenes.









BY THE BOOK

Edições Especiais, lda
Rua das Pedreiras, 16-4º
1400-271 Lisboa
T. + F. (+351) 213 610 997
www.bythebook.pt

©Edição Edition

By the Book, Edições Especiais

Título Title

Palácios de Lisboa Lisbon Palaces

©Texto, Fotografia e Tradução Text, Photography and Translation

Alexander Freese

Revisão Revision

Constança Boléo (Português)

Mick Greer (English)

Edição de Imagem Photography Post Production

Maria João de Moraes Palmeiro

Design

Forma, design: Veronique Pipa | Margarida Oliveira

Coordenação Editorial e Produção Editorial Coordination and Production

Ana de Albuquerque | Maria João de Paiva Brandão

Impressão Printing

Printer Portuguesa

ISBN

978-989-8614-91-9

Depósito Legal Legal Deposit

462 892/19

Apoios | Agradecimentos :

DGPC / Palácio Nacional da Ajuda

Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva

Fundação das Casas de Fronteira e Alorna

